

Inquietações sobre juventudes, experiências e metodologias

Concerns about youth, experience and methodologies

Camila Holanda Marinho*

RESUMO: O artigo objetiva produzir reflexões sobre os modos de vida de jovens com experiência de moradia de rua. Percebo que a permanência nas esferas públicas, apesar da rua também ser reconhecida por eles como um lugar de violência, produtora de um cotidiano degradante, ameaçador e hostil, intercorre a partir da constituição de laços de afetos estabelecidas com pessoas, lugares e instituições que proporcionam estratégias de sobrevivência e permanência nesses lugares. Sendo assim, optei narrar a trajetória de um jovem interlocutor desta pesquisa que expressa a singularidade de uma cultura juvenil, do mesmo modo que sinaliza como a rua pode ser compreendida como um lugar de encontro de afetos.

Palavras-chave:
Juventudes,
afetividades,
ilegalismos,
experiência.

I ntrodução

Este texto busca provocar algumas reflexões sobre a trajetória de jovens com experiência de moradia de rua, propondo uma discussão a partir do entendimento de que a rua é um lugar de exposição de performances das culturas juvenis, portanto, ela também pode ser compreendida como um lugar de encontro de afetos. Diante disso, entendo as juventudes como um conceito no plural, pois as multiplicidades e diferenças que integram esses grupos devem ser destacadas para evitar classificações homogêneas e estigmatizadoras. No caso das culturas juvenis em questão neste artigo, ou seja, jovens com experiência de moradia

de rua, categorias como “experiência” e “nomadismo” são conceitos centrais para o entendimento dessa condição juvenil, bem como para a análise da produção de suas formas de sociabilidade, de interação social, de suas narrativas e sentimentos sobre seus modos de viver.

Convido os leitores a compreenderem esses jovens como indivíduos que nomadizam, transgridem e inovam não só trajetos, mas também modos de agir e sentir, assim como Deleuze e Guatarri (1997) percebem o conceito de nomadismo. Eles habitam as ruas de forma diferente, convertem a estética e a moralidade dos lugares, criam roteiros inimagináveis e, algumas vezes, imperceptíveis para aqueles que olham a cidade “sem reparar”, como enuncia José Saramago em seu Ensaio sobre a Cegueira, desconsiderando as transgressões de uso de uma determinada paisagem. Utilizo, também, o conceito de experiência, entendido a partir de um debate entre Benjamim (1987), Scott (1999) e Bondia (2002), para definir os jovens moradores de rua. Com esse diálogo percebo que, por serem os indivíduos constituídos discursivamente, a experiência é uma partilha, uma revelação, uma transmissão de uma vivência que revela o sentido de sua própria existência. É algo particular, relativo e subjetivo, pois duas pessoas, por mais que tenham compartilhado o mesmo acontecimento, não possuem a mesma experiência.

Posto isso, reconheço como jovens com experiência de moradia de rua os indivíduos que, em um determinado tempo de suas trajetórias de vida, designaram a rua como uma referência de moradia. Desta forma, ficam por algum tempo afastados de suas casas, utilizam os serviços de atendimento institucionais e reinventam a vida privada em espaços públicos, tecendo, assim, novas e diferentes redes de sociabilidade. De todo modo, considero essencial perceber as redes que entrelaçam o cotidiano desse grupo social, sejam elas de sociabilidade violenta ou afetiva, reconhecendo que parte delas são relações fluidas e contingentes, e desconsidero um determinismo temporal (com relação ao tempo de permanência nas ruas) e etário (desvinculados de marcos legais) que os amarre a definições inflexíveis e inexoráveis. Portanto, podemos percebê-los como um grupo que expressa uma cultura juvenil singular e reveladora de experiências que nos possibilitam refletir sobre a condição juvenil dos jovens moradores de rua da cidade de Fortaleza.

Para Machado Pais (2003), os diferentes sentidos que o termo “juventude” tem tomado e as diferentes manifestações de sentido encontradas nos seus comportamentos cotidianos, nos modos de pensar e agir, em suas perspectivas sobre o futuro, nas suas representações e identidades sociais, compõem paradoxos analíticos importantes para a reflexão das culturas juvenis. O desafio, como indica o autor, é perceber a juventude não apenas como um

conjunto social cujo principal atributo é o de ser constituído por indivíduos pertencentes a uma mesma fase de vida, mas sim compreender as culturas juvenis como um conjunto social com atributos que os diferenciam. Como sujeitos plurais. Portanto, uma passagem do campo semântico que toma a juventude como uma “unidade” para o que a toma como uma “diversidade”. Pais (2003), em seus estudos sobre as culturas juvenis, indica a importância de decifrar os “enigmas dos paradoxos da juventude”, considerando as seguintes indagações: 1) Os jovens compartilham os mesmos significados sobre suas experiências cotidianas? 2) Se compartilham, quais são as semelhanças? 3) Por que compartilham ou não, de forma semelhante ou distinta, determinados significados?

As indagações sugeridas por Machado Pais foram fundamentais para as problematizações que formulo sobre os modos de vida dos jovens com experiência de moradia de rua. Esse grupo social também vive às voltas de interpretações que homogeneízam suas trajetórias e experiências de vida. Especialmente quando o senso comum classifica esses grupos, unicamente, por suas práticas marginais e violentas. Percebi, através das minhas observações em campo, das narrativas e performances dos jovens e dos relatos das experiências com o atendimento do público infante-juvenil realizadas pelos profissionais das instituições interlocutoras, que existem diversas formas de se viver e construir significados para a vida nas ruas. Essas diferenças se dão tanto no âmbito etário como no interior dos grupos, ou seja, são diferentes para cada indivíduo, em lugares distintos e em tempos diferentes, seja ele criança, jovem, adulto ou velho.

Para decifrar esses modos de vida, sigo as orientações de José Machado Pais (2005) e passo a observar e perambular com os jovens em seus “contextos vivenciais cotidianos”, pois é no curso de suas interações sociais que eles constroem formas de compreensão e de entendimento que se articulam com formas específicas de consciência, de pensamento, de percepção e de ação. Dessa forma, abre-se uma “análise ascendente dos modos de vida dos jovens”, que parte da diversidade de mecanismos, estratégias e táticas cotidianas significativas para entender como esses mecanismos são investidos, utilizados e transformados, assim como suas possíveis involuções e generalizações. Para o autor,

[...] alguns jovens movem-se no labirinto da vida numa entrega ao acaso ou ao destino, enquanto que outros atuam de forma estratégica, isto é, considerando várias tramas possíveis que podem modificar-se à medida que se confrontam com os imprevistos da vida, dado que

está sujeito a uma série de contingências, as chamadas contingências da vida (PAIS, 2005, p.14).

1 Durante os anos de 2004 a 2007 tive a oportunidade de atuar como gestora pública na prefeitura municipal de Fortaleza gerenciando, entre outros, os programas de atendimento a população infanto-juvenil moradora de rua em um órgão chamado FUNCI. Nessa época, participava de grupos de trabalho e fóruns de discussão que possibilitaram com que eu constituísse amplo campo de articulação com instituições do governo e da sociedade civil que favoreceram minha inserção em campo e engrandeceram minhas observações sobre o modo de vida desse grupo de jovens.

2 Refiro-me às anotações e observações realizadas sobre a vida dos jovens com experiência de moradia de rua durante o período de 2005 a 2007, quando atuava na gestão pública.

3 Designo que meu campo de pesquisa começou antes mesmo de minha entrada em um programa de pós-graduação, pois possuo experiências vividas, observações realizadas e anotações registradas anteriores ao período de 2008 a 2011, que são essenciais para o desenvolvimento deste estudo.

Portanto, o percurso metodológico construído para a realização deste trabalho de campo deu-se a partir da observação participante que, em virtude de minha trajetória profissional¹ e de inserção no campo de pesquisa, possibilitou que ela fosse redesenhada como uma “observação vivencial”. Nesse sentido, baseada em uma experiência despreziosamente iniciada a partir de vivências ocorridas com um grupo de jovens moradores de rua, da curiosidade despertada em mim sobre a tessitura de suas redes afetivas e das conversas formais e informais partilhadas com os jovens, possibilitando que eu estivesse presente em diferentes e inusitados lugares, acompanhando dessa maneira, suas trajetórias de vida. Dessa forma, reporto-me novamente a Walter Benjamin (1994) quando o autor reflete sobre a experiência, compreendendo-a como uma vivência que não é nada se não for transformada em alguma narrativa compartilhável ao grupo ao qual pertencemos. Portanto, a experiência é a arte de narrar algo que nos aconteceu, que nos afetou e, para Benjamin (1994), é a transmissão da narrativa dessa vivência que a transforma em experiência. Com isso, fiz uso de anotações anteriormente realizadas quando o campo de trabalho² ainda não era oficialmente um campo de pesquisa³ e passei a incrementar essas anotações com os encontros sistemáticos com os jovens com experiência de moradia de rua. Sendo assim, realizei uma composição das “narrativas das narrativas” vivenciadas por mim vivenciadas e associadas as dos interlocutores, ou seja, os jovens, indivíduos que experimentam essas múltiplas emoções, e por movimentarem-se no terreno do acaso, das circunstâncias, das contingências, traçam mapas culturais e afetivos singulares à sua experiência de vida. É com esse cenário que proponho uma reflexão sobre os afetos de rua através de expressões narrativas, performáticas e gestuais produzidas pelos jovens que possuem experiência de moradia de rua. Atrevo-me a construir uma metodologia de análise fundamentada na ideia de uma “narrativa das narrativas”, portanto, privilegiando os relatos dos jovens e os meus próprios, na condição de pesquisadora, sobre a polifonia de um campo de pesquisa.

Pedro: um capitão do asfalto

Pedro é um capitão de areia, um capitão do asfalto. Conheci esse jovem no ano de 2006 quando ele tinha 18 anos. Pedro nasceu em 1988, na cidade de Fortaleza. Sua família é formada ao todo por seis irmãos, sendo quatro da primeira relação conjugal de seu pai e os outros dois da segunda. Ele tem pouco contato com os irmãos mais velhos. Sua mãe é falecida. O jovem foi morar nas ruas pela primeira vez com 12 anos de idade em virtude de

ameaças sofridas em sua comunidade, as quais colocaram sua vida em risco. Na rua ele dá início a uma trajetória de “entradas” e “saídas” em dois abrigos, estabelecendo-se em longos períodos ininterruptos na rua. Dessa forma, o jovem não concluiu o ensino fundamental. De todo modo, participou durante uma temporada em que viveu em um dos abrigos de atividades de circo, o que possibilitou que ele desenvolvesse uma apreciável habilidade com malabares.

Assim como Pedro Bala, um dos Capitães da Areia de Jorge Amado (2008), esse Pedro também liderava um grupo de jovens que morava nas ruas do centro da cidade de Fortaleza. No seu mundo onírico, percebi que o real e o imaginário, a ordem e o caos, a dignidade e a marginalidade, o legal e o ilegal se confundiam constantemente. De todo modo, constituí com Pedro uma cumplicidade que fez com que ele gostasse da minha companhia e de me contar suas “aventuras”. Sua história fez de Pedro um “interlocutor afetivo”, figura essencial para as minhas reflexões sobre a trajetória de jovens com experiência de moradia nas ruas. Além da vida na rua, o menino me contou passagens de sua infância em um bairro da periferia de Fortaleza quando morava com o pai, a madrasta e os irmãos.

Lembro de uma vez que cruzávamos o centro da cidade de Fortaleza, no caminho entre uma praça e outra e, quando atravessamos uma rua bastante movimentada, pedi para ele ter “calma”, para ir devagar. Foi quando ele me disse: “Calma para quê? Eu sou como o tempo!” Sua fala me surpreendeu. Entre a pressa que delineia os contornos das ruas do centro de uma cidade, entre os nossos passos ligeiros para chegarmos logo ao nosso destino, o jovem pronuncia essa frase, que de algum modo, estava harmonizada com o ritmo das ruas, mas que fez com que tudo parasse ao meu redor e, diante disso, lhe perguntei: “Como o tempo, por que, Pedro?”. Ele me explicou que ele sempre estava em movimento, que não era suficiente para ninguém e que “passava”. O tempo⁴, portanto, quando é tomado como uma identidade narrativa por Pedro, representa algo que não se fixa, que não para, que não espera, assim como o movimento nômade que marca os percursos das pessoas com experiência de moradia de rua. Não podemos pensar a experiência de vida desse menino desvinculada do seu “transcorrer”, seja pela cidade, pela casa e pela rua, por vias marginais e afetivas, que de tempos em tempos se modificam, se reconfiguram. Percebi como essa autodefinição possibilitava compreender alguns meandros do modo de vida desse grupo juvenil, da mesma forma que proporcionava a percepção de como a polifonia das ruas produz sonoridades afetivas e amorosas e faz dela um lugar de encontro de afetos.

Algo marcante nos relatos de Pedro sobre a sua família é sua admiração pelo pai. A maior lembrança estava associada ao compositor Bezerra da

4 Ricoeur (1997) compreende o tempo como uma expressão de identidade narrativa significativa na medida em que esboça os traços da experiência temporal.

5 José Bezerra da Silva foi um músico e compositor brasileiro de samba, especialmente de partido alto. Em suas composições, destacavam-se histórias sobre a vida cotidiana nas favelas e suas questões sociais. Bezerra da Silva morreu em 2005, aos 77 anos, e foi sepultado no Rio de Janeiro.

6 Referência popular dada a uma pessoa que foi traída em um relacionamento afetivo.

7 O nome do parque, na verdade, é Cidade da Criança devido à instalação, em meados do século XX, de uma escola pública primária. A nomenclatura Parque das Crianças é mais usada para identificar o lugar dado pelos moradores de Fortaleza. Ele foi denominado como Parque da Liberdade, em 1992, em comemoração ao centenário da proclamação da independência brasileira. Hoje funciona como sede da Secretaria de Direitos Humanos da Prefeitura Municipal. Anterior à implantação dessa Secretaria, as políticas públicas de atendimento para crianças e adolescentes da cidade eram executadas pela Fundação da Criança e da Família Cidadã (FUNCI), sediada nesse mesmo parque até o ano de 2009.

Silva⁵. O menino costumava cantar as músicas do compositor em momentos de manifestações de felicidade. Dois anos depois de ter conhecido Pedro, conheci seu pai em uma visita que fiz ao menino, na época ele estava internado em uma clínica de recuperação de jovens usuários de drogas. Vi nos olhos marejados do menino o amor e a admiração que ele dizia sentir pelo pai, do mesmo modo que percebi como os dois tinham uma semelhança física, expressada especialmente através dos mesmos olhos verdes desconfiados. Havia uma relação direta entre a afeição pelo pai e a ida para as ruas na história de vida do menino. Pedro me contou sobre o motivo que o fez ir morar nas ruas, pela primeira vez, aos 12 anos de idade. Sua história era marcada por situações de violência envolvida por vingança, ódio, moral e amor. Ele vingou o pai em virtude de uma traição cometida pela sua madrasta com outro homem que morava na mesma comunidade que a família de Pedro. O menino não aceitou ver o pai desonrado e os comentários de que ele era “cornô⁶” e, assim, o jovem fez justiça com as próprias mãos. Depois desse fato, Pedro teve que se refugiar nas ruas do centro de Fortaleza para não ser morto.

Com o tempo, o jovem conheceu outras pessoas que lhe ensinaram estratégias de sobrevivência legais e ilegais que circundam a vida nas ruas. Pedro costuma dizer que sentia uma grande vontade de conviver mais tempo com o pai, mas sua profissão dificultava. O pai do jovem trabalhava como motorista de uma fábrica de vidros e, por isso, viajava com muita frequência para outras cidades do nordeste brasileiro. Essas ausências também podem ser compreendidas como mais uma fator desencadeador da saída de Pedro de sua casa, além disso, em decorrência da vingança cometida, o menino estava ameaçado de morte e não podia mais voltar para a sua comunidade.

No meu primeiro encontro com Pedro, o vi sentado em um banco do Parque da Liberdade, mas conhecido como o Parque das Crianças⁷, no centro da cidade de Fortaleza. O jovem conversava com Mariana, uma jovem moradora de rua que na época era sua namorada, conforme a menina me informou. Ele parecia escondido atrás de óculos escuros e de um gorro de um time de futebol, que, por ser o mesmo que o meu, proporcionou um mote para uma conversa. O jovem me falou que se chamava Ronaldo. Mariana, que eu já conhecia há mais tempo, fez as apresentações. Percebi um sorriso debochado entre os jovens e percebi que Pedro não estava dando o seu nome verdadeiro. Então, comecei a conversar sobre futebol perguntando o que ele achava dos jogadores atuais e da atuação do time no campeonato. O menino logo desistiu da conversa. Deveria achar que tanto eu como Mariana não sabíamos do que falávamos, pois todos os comentários feitos, ele restringia-se a responder de forma monossilábica. Uma característica de Pedro que desde esse primeiro encontro me chamou a atenção foi a sua atitude arredia com as

peças. Penso ser essa desconfiança uma forma de proteção utilizada pelos moradores de rua. Geralmente, as pessoas não se aproximam, preferindo ficar distantes, conforme observamos os comportamentos de muitas pessoas com aqueles definidos como um “morador de rua.”

Mariana perguntou-me se eu achava os olhos verdes de Pedro bonitos. Eu respondi que sim. Nesse momento, percebi como os olhos de Mariana se revelaram apaixonados e constatei que Pedro era o seu amor⁸, que outrora a menina tinha me confidenciado. Diante dessa colocação, Pedro decidiu levantar-se e foi embora do parque, deixando Mariana em um banco da praça comigo. Perguntei se ela era apaixonada por Pedro e ela me disse que ele era “o amor de sua vida” e que seu maior desejo era viver com ele na rua. O romance dos jovens é marcado por separações e reconciliações. Pedro não reconhecia Mariana como sua namorada. Diferente da menina que o considerava como sendo. Em diversas situações, ele me revelou que apenas “ficava” com a menina. Ele a conheceu quando estava na Barraca da Amizade⁹ e ela na Casa das Meninas¹⁰.

Nessa época, Pedro estava próximo de completar 18 anos de idade e, diante disso, teria que sair do abrigo. É de conhecimento de grande parte dos jovens com experiência de moradia de rua que a legislação brasileira, por meio do Estatuto da Criança e do Adolescente, possibilitava um atendimento em abrigos públicos ou das organizações não governamentais (ongs) até os 18 anos de idade. No caso das ongs, é necessário que o jovem componha o perfil de atendimento exigido pela instituição, porém no caso do poder público, o atendimento tem que primar pela universalidade e equidade de direitos. Portanto o atendimento ocorre independente de perfis e trajetórias diferentes¹¹. Como muitas crianças e jovens, Pedro oscilou entre a vida na rua e “na casa” (nas instituições de abrigamento e em casa de familiares) ao longo de seis anos. Diante dessas possibilidades, Pedro intercalou vivências nas ruas e nos abrigos, (como a Casa dos Meninos¹² e na Barraca da Amizade) até atingir a maioridade. Além dos abrigos, a casa de um irmão mais velho também era um refúgio de Pedro quando ele sentia o desejo ou a necessidade (frente a outras ameaças sofridas) de ficar longe das ruas. Depois de completar a maioridade, Pedro perde o direito de viver nos abrigos e, desde esse período, o menino passou a ter a rua como a principal referência de moradia.

O jovem se definia como um “morador de rua” ou como um dos meninos que “moravam no Parque das Crianças”. Um dos elementos que os moradores de rua utilizam para se identificar e para identificar o grupo ao qual pertencem é por intermédio do lugar na Cidade onde costumam dormir ou passar a maior parte do tempo durante o dia. No centro da cidade de Fortaleza, as

8 Sobre a definição de amor, ver Bauman (2004), Illouz (2011), Luhmann (1991), Neves (2007) e Simmel (2006). De todo modo, a descrição de Mariana sobre o significado dessa emoção associa amor e desejo. Sendo assim, Hannah Arendt (1997, p. 17) assinala que “amar nada mais é do que desejar uma coisa por si mesma”. Para a autora, o caráter específico do amor é o de não ser possuído, pois na eminência desse acontecimento, o desejo acaba, a não ser que o perigo de perder o que foi adquirido (o desejo de possuir) transforme-se em medo de perder.

9 Uma organização não governamental que executa um serviço de acolhimento institucional na modalidade abrigo atendendo o público masculino na faixa etária de 12 a 18 anos incompletos.

10 Abrigo municipal vinculado a prefeitura de Fortaleza destinado ao atendimento do público feminino com idades entre 12 e 18 anos incompletos.

11 Em várias cidades brasileiras muitos abrigos ou serviços de acolhimento institucional executados pelo poder público atendem crianças e jovens em diferentes situações, seja os que estão “provisoriamente” afastados de suas famílias, seja os

que estão cumprimento (cumprindo? em cumprimento? Ou é do jeito que está??) medidas socioeducativas. Segundo a legislação brasileira, os atendimentos dessas duas situações deveriam acontecer em equipamentos sociais diferentes, mas não é isso que a realidade revela em muitos estados brasileiros.

12 Abrigo municipal vinculado à Prefeitura de Fortaleza destinado ao atendimento do público masculino com idades entre 12 e 18 anos incompletos.

13 Janice Caiafa (1989), na obra “Movimento Punk na Cidade: a invasão dos bandos sub”, sinaliza questões importantes para a compreensão de grupos juvenis “transgressores” que se encontram expostos na esfera pública. Segundo a autora, o nomadismo desses grupos acontece não pelo movimento em si, mas pela intensidade de suas trajetórias, logo, não é um exercício de “andar por andar”, pois é a experiência do momento de percorrer que faz o caminho. O que foi definido como “gangue” ou “bando” pela autora é designado pelo entendimento de ser essa junção uma experiência coletiva, portanto, “tentar compreender seu funcionamento é acompanhar o investimento do bando

praças representavam essas referências. Nessa época, havia cerca de vinte crianças e jovens que se concentravam, durante o dia, dentro do Parque das Crianças¹³. Esse fato gerou uma grande polêmica na Cidade, pois lá também era a sede do órgão responsável pelas políticas públicas municipais para a infância e adolescência: a antiga Fundação da Criança e da Família Cidadã¹⁴ (FUNCI). Portanto, era uma praça que também sediava uma instituição pública, diante disso, a expectativa da população era que a “prefeitura fizesse alguma coisa” para tirá-los de lá, adotando práticas de higienização dos lugares, descartando tudo que pudesse enfear e colocar em risco a ética e a estética da Cidade. Nessa época, sofriamos pressões, tanto da mídia como dos transeuntes que cruzam o Parque na direção do centro da Cidade, que, através de diferentes formas de reclamação, pediam atitudes enérgicas dos profissionais responsáveis. Em meio a essa polêmica, os canais de TV e os jornais da Cidade passaram a noticiar cotidianamente, durante cerca de um mês, reportagens sobre esse grupo de jovens. O teor das notícias girava em torno de uma ideia de ineficiência e conivência dos poderes públicos frente àquela permanência cotidiana dos jovens no Parque. A população queria uma resposta rápida para o caso e, como gestores, nós tínhamos que dar.

Observei que esse grupo estava bastante envolvido e frequentava com assiduidade as atividades de arte-educação realizadas pelos educadores sociais no Parque das Crianças, especialmente as atividades de circo. Pedro teve aulas de malabarismos quando viveu na Barraca da Amizade e era comum ouvir dele a adoração pela prática dos malabares. Os meninos, com a orientação de um dos educadores, montaram um grupo de teatro com linguagens circenses (faziam malabarismos vestidos de palhaços) e o chamaram de “Mistral”, uma referência à marca de cigarros que consumiam. O grupo foi formado por quatro jovens, incluindo Pedro, e eles apresentavam-se frequentemente nos eventos comemorativos e festivos que a Funci realizava. O envolvimento dos jovens nas atividades de teatro facilitava o interesse em outros atendimentos que lhes eram oferecidos, especialmente aqueles referente à redução de danos decorrente do uso de drogas e os atendimentos psicossociais, pois do mesmo jeito associaram as suas rotinas diárias no Parque à participação em outras atividades oferecidas pela Funci.

Durante essa convivência diária e cada dia mais enrolada nos fios de afetos e nas histórias desses jovens, observei que além de mim, os outros profissionais também estavam seduzidos pelas histórias e modos de vida de Pedro e seu grupo. Um círculo de afetos¹⁵ circunscrito por cumplicidades tinha sido estabelecido. Durante o tempo em que viveram no Parque os jovens declaravam estar “limpos” ou “de cara”, portanto, sem fazer uso recorrente de drogas, especialmente do *crack*, que os deixavam alucinados e dispersos.

Diante de um novo comportamento, esse grupo de jovens foi, com o tempo, ganhando a confiança (e o bem querer) de outras pessoas que também frequentavam o Parque das Crianças (os transeuntes, os comerciantes e outros profissionais da Funci). Em outros tempos, essas pessoas não costumavam se aproximar deles, pois, conforme observava enquanto estava nas atividades com os jovens moradores de rua, muitos tinham receio de suas atitudes indóceis e arredias. Por estar “limpo”, Pedro esporadicamente dirigia-se até a casa de um irmão que morava na periferia da Cidade. Essa era uma condição estabelecida pela esposa de seu irmão que, segundo o garoto, gostava muito dele, mas o proibiu de usar a sua casa como um refúgio no momento em que a vida estava arriscada. Ela comunicou a Pedro que não queria sua casa ameaçada. O jovem, certa vez, disse-me que não gostava de dormir na casa do irmão. Ele tinha receio em deixar o grupo que liderava sozinho e “desprotegido”, além do mais, ele considerava que os meninos poderiam achá-lo um traidor, pois enquanto “ficava numa boa” na casa da família, os demais continuavam na rua, mesmo sendo essas “saídas da rua” acontecimentos extraordinários.

Com o tempo, Pedro estava cada vez mais focado nas atividades junto ao grupo de teatro. O educador responsável pelas oficinas o convidou para acompanhá-lo, ministrando com ele as oficinas que aconteciam em outros projetos sociais da Funci. Dessa forma, observei como ambos tinham estabelecido uma parceria técnica e afetiva, pois os dois me revelaram que estavam empregados com essa atividade conjunta. Depois de um tempo, Pedro mostrou-se tão assíduo e comprometido que resolvemos contratá-lo para trabalhar na Funci como monitor de arte-educação junto às oficinas de teatro que aconteciam em um projeto destinado à prevenção do uso de drogas, projeto no qual Pedro também recebia atendimento. Na ocasião, percebi que o jovem tinha reduzido o uso de drogas, especialmente durante as tardes de atividades no Parque das Crianças. Ao questioná-lo sobre isso, tendo em vista que a relação que constituímos permitia algumas perguntas de foros íntimos e indiscretos, Pedro declarou que só estava fumando *mesclado*¹⁶ no final de semana ou à noite, após o fim de seu “expediente de trabalho” na Funci.

Quando Pedro estava em processo de contratação, organizando os documentos necessários, ele me perguntou se eu poderia acompanhá-lo até à casa do irmão para ele pegar os documentos que estavam guardados. Eu prontamente aceitei o convite. Dessa forma, tive a oportunidade de conhecer seus outros três irmãos, uma cunhada e sobrinhos, pois todos moravam na mesma casa. Nesse dia, fomos eu e Juliana, a namorada de Pedro da época. Percebi como aquela situação poderia representar também o momento de Pedro apresentar a namorada para a sua família. Juliana me falou que estava envergonhada com a

num agenciamento coletivo; é assistir a como o desejo se arma como exercício de grupo, como estratégia de grupo, e ao que eles usam para fazê-lo circular, em que outras estratégias se apoiam nessa experimentação, o que aproveitam do espaço urbano, que é o seu meio, para esse exercício, o que serve e ajuda, o que emperra e constrange” (CAIAFA, 1989, p. 63).

14 Atualmente esses serviços estão vinculados a Coordenadoria da Infância e Adolescência da Secretaria de Cidadania e Direitos Humanos da Prefeitura Municipal de Fortaleza, que em outros tempos agregava os serviços da Funci.

15 Ver Machado Pais (2012).

16 *Mesclado* é o nome dado à mistura de *crack* com maconha. Possui um efeito menos frenético do que o *crack*, mas um tempo de duração do efeito mais longo por causa da maconha. Percebi em campo que para muitos jovens moradores de rua com quem conversava, eles não costumavam classificar a maconha como uma droga, percebendo-a mais próxima do cigarro. Em suas representações, o cigarro não é classificado uma droga para os jovens moradores de rua. Portanto, um cigarro de maconha

situação. Fiquei surpresa com o seu comentário, pois ela costumava portar-se de forma bastante desinibida e corajosa. A jovem me confidenciou que ficou constrangida pelo fato de ser uma “menina de rua”, uma namorada que Pedro tinha conhecido na rua e ficou com receio de ser maltratada pela família do namorado. Contrariando essa expectativa, quando nós três chegamos à casa dos familiares de Pedro, fomos recebidos com simpatia e atenção de todos.

A casa era bem simples. Entramos por um quintal que dava na cozinha. Pude ver que a casa era, na verdade, um grande vão dividido em cozinha, banheiro, dois quartos e uma sala. Não havia porta nos quartos e os armários faziam a divisória entre quartos e sala. Na sala, bem pequena, o lugar onde fiquei durante a visita, havia um sofá de dois lugares, uma estante com uma televisão e um aparelho de DVD. No dia de nossa visita, estava na casa um irmão com a namorada e dois sobrinhos de Pedro. Percebi que eles ficaram felizes com a chegada do menino e faziam perguntas para saber notícias sobre o irmão. Eu e Juliana ficamos sentadas no sofá da sala, tomando um café servido pela cunhada, enquanto Pedro foi buscar os documentos em um dos quartos. Ele os guardava em uma gaveta onde também deixava alguns objetos pessoais, não muitos, conforme me falou, apenas sua certidão de nascimento e algumas roupas. Enquanto Pedro organizava seus pertences, ficamos conversando com a cunhada, que, por sinal, elogiou a beleza de Juliana. Ela me contou que tinha convidado Pedro para morar definitivamente com ela e os outros irmãos, especialmente nesse momento em que Pedro tinha tornado-se um “trabalhador”. A cunhada também falou que, segundo ela, o pai do jovem ficaria orgulhoso com as boas notícias do filho caçula. Pedro conseguia ouvir a nossa conversa do quarto onde estava e, ao voltar para a sala, percebi um largo sorriso em seu rosto em virtude dos elogios que escutou de sua família.

Agradecemos a receptividade e fomos embora de volta ao Parque das Crianças. Pedro não costumava ficar muito tempo nessa casa. Ele dizia que “tinha gente demais morando lá” e que a convivência entre os irmãos não era harmoniosa, portanto, acontecia de forma conflituosa e permeada por discussões. Ele falou que se sentia discriminado pela família por ser um “morador de rua”, logo, em decorrência de um estigma¹⁷ que a sua trajetória de vida estabelece. O menino costumava usar essa definição para falar de si. Apenas a cunhada e o irmão que era casado com ela trabalhavam na casa. No dia de nossa visita, a cunhada me disse que o pai de Pedro tinha alugado um quarto para morar em um lugar que ela não sabia a localização exata. Com o pai, ele me disse que aceitaria morar, mas esse convite nunca chegou ao menino.

Antes de receber a proposta de trabalhar na Funci, Pedro também foi surpreendido com um convite feito pela mãe de Juliana: o de ir morar na

misturado com crack é percebido por eles como uma droga leve.

17 O estigma, segundo Goffman (1988), é um atributo que produz um amplo descrédito na vida do sujeito. Em situações extremas, é nomeado como “defeito”, “falha” ou desvantagem em relação ao outro, constituindo-se como uma discrepância entre a identidade social e a identidade real.

casa dela junto com a namorada. O convite deixou o garoto empolgado, pois, conforme uma confidência que me fez, ele estava cansado de viver nas ruas. Por outro lado, Juliana estava experimentando há pouco tempo essa experiência e, por ter 14 anos de idade, ela sabia que tinha o “direito aos abrigos” (assim como uma série de outros serviços de atendimento), dessa forma, a menina entrava e saía com muita frequência dessas instituições, especialmente da Casa das Meninas, o abrigo municipal. Percebi, ao observar e conversar cotidianamente com o casal, que Pedro teve bastante trabalho para convencer a namorada, mas, com o tempo, ela aceitou e os dois passaram a morar no quarto de Juliana, que ficava na casa de sua mãe.

Nessa época, fui convidada por eles para conhecer a nova moradia do casal. O quarto ficava na frente e tinha uma janela que dava para a rua, mas os jovens confessaram-me um incômodo: o quarto não tinha porta. Impossível não fazer uma analogia entre casa, porta, privacidade, o inverso do que se tem na rua, onde os momentos de intimidade aconteciam em lugares pouco movimentados, longe de pedestres, à noite e em cabanas feitas com os papelões que utilizam para dormir. Juliana reclamava com a mãe a falta da porta, pois a privacidade era um dos atrativos de viver na casa. O quarto era pequeno e havia nele uma cama de casal, uma rede e um armário. Como Juliana não o ocupava, em decorrência de sua trajetória na rua, seu quarto me passou a impressão de ser um quarto de hóspedes, um lugar desocupado, sem rotina, sem pertences pessoais que pudessem identificar o seu dono.

Pedro não costumava falar sobre seus sentimentos por Juliana. Suas declarações eram raras, tímidas e sem muita profundidade. A percepção de seus sentimentos pela namorada acontecia através de gestos e comportamentos, especialmente pelo cuidado e carinho que ele explicitamente demonstrava por ela. Juliana frequentemente brigava com Pedro e terminava o namoro. O jovem, nessas ocasiões, procurava por ela em busca de uma reconciliação. Ele declarava que já estava ficando acostumado com o fato de Juliana terminar o namoro, e que não levava isso a sério, pois considerava a namorada muito “teimosa”. Pedro conheceu a menina no Parque das Crianças e logo se mostrou interessado. Eu pude acompanhar o início desse relacionamento. Quando estavam juntos, Pedro demonstrava seu afeto beijando e abraçando frequentemente a menina. Era fácil perceber o orgulho que sentia ao andar de mãos dadas com a namorada pelas ruas do centro da Cidade, intitulado-a como “sua mulher”. A forma como ele tratava Juliana era diferente da forma como tratava Mariana. Ele era bastante atencioso e carinhoso e estava sempre na companhia da namorada, apesar das discussões e desentendimentos que levavam a garota a terminar o namoro. Eu costumava dizer para Pedro que ele era “louco” pela menina. Nesses momentos, ele dava uma grande gargalhada, mas não negava a minha afirmação¹⁸.

18 Sofia Aboim (2009) destaca que o amor é, na maioria dos casos, subjetivamente vivido como um processo dinâmico sujeito a modificações ao longo do tempo de convivência e da rotina. Desse modo, esse sentimento resulta de uma trajetória a dois, inscrita por um hibridismo que enuncia afeto e cotidiano como dimensões cúmplices. Nesse sentido, o fato de Pedro orientar o cotidiano de vida na rua para as namoradas dava ao jovem um interessante atributo de conquista e vinculação amorosa.

Nas conversas que tive com jovens moradores de rua e nas observações realizadas em campo, percebi que existe um código semântico que diferencia e classifica as relações afetivas entre os casais. Quando se atribui a definição “ela é minha mulher” ou “ele é o meu macho¹⁹”, significa que o relacionamento é mais sério do que o namoro e similar a um casamento. Outra expressão utilizada pelos jovens era que eles “estavam juntos” ou que “tinham se juntado”, outra analogia para a definição de namoro. Quando questionava sobre as práticas sociais que designavam o “estar junto” na rua, os jovens me explicaram que tinha uma relação com o fato dos casais dormirem juntos, no mesmo pedaço de chão e ou sob o mesmo papelão, assim como um reconhecimento do grupo ao casal os identificando como tal. Neste caso, Juliana era a mulher de Pedro e Pedro o “macho” dela. Portanto, Pedro tinha “se juntado com Juliana”. O amor que Pedro demonstrava sentir por Juliana ressoava pelo Parque das Crianças em forma de atitudes e gestos de carinho, portanto, o jovem produzia códigos de comunicações simbólicas capazes de evidenciar seus sentimentos²⁰.

Um indício de seu afeto era o olhar (de sempre) marejado direcionado à menina. Pedro “entregava-se” pelo seu olhar quando estava na companhia de Juliana. Em uma rara situação de confiança amorosa, Pedro me contou que para namorar Juliana tinha que ter muita paciência, pois a menina mudava de opinião e de atitude com frequência e ele nunca sabia o que esperar dela. Na época em que Pedro estava morando com a namorada na casa da mãe da menina e trabalhando na Funci, o casal ia todos os dias juntos até o centro da Cidade. Enquanto o menino estava em sua sala de trabalho, Juliana ficava perambulando pelo Centro. Pedro dizia que isso o preocupava, pois, segundo ele, Juliana, quando ficava sozinha, tinha o hábito de “se meter em algum foguete”, ou seja, envolver-se em alguma confusão ou situação arriscada e ilegal.

Aparentemente, esse era um momento de tranquilidade na vida de Pedro, pois ele estava trabalhando, tinha “sua mulher” e estava “limpo” há muito tempo. Porém, o jovem me relatou um ocorrido que o desagradou. Em uma sexta-feira, ao sair do trabalho, passou na casa do irmão para rever a família antes de ir para a casa da mãe de Juliana. Lá, ele trocou de roupa, pois a cunhada disse que poderia lavar suas roupas e o seu tênis, e disse que o menino poderia voltar na segunda-feira, depois do trabalho, para recebê-los limpos. Ele foi, mas não encontrou mais o seu tênis. Um dos irmãos tinha vendido, e Pedro disse-me que certamente ele o negociou no comércio de drogas. O jovem declarou-se bastante chateado com o ocorrido e disse que não voltaria novamente àquela casa. Perguntei para Pedro se seu distanciamento e recusa em não viver nessa casa era devido a algum conflito com esse irmão. Ele me disse que sim, pois o irmão era envolvido

19 Macho é uma definição popular cearense para designar homem. Nesse caso, é possível fazer uma referência à definição de marido ou cônjuge.

20 Ver Luhmann (1991).

com o tráfico de drogas e isso poderia lhe causar problemas, especialmente agora que “estava limpo”, sendo assim, ele não queria aproximação com nada e ninguém que envolvesse o tráfico e o consumo de drogas.

Pouco tempo depois do incidente do “desaparecimento” do tênis, eu estava entrando no Parque das Crianças e fui abordada por uma assistente social que trabalhava com Pedro. Ela também o atendia no mesmo programa de redução de danos. Essa profissional informou-me que seria importante remanejar Pedro para outro projeto, pois ele estava sendo ameaçado de morte no centro da Cidade e sua vida estava em risco. Fiquei assustada e lamentei o fato de o menino ter que mudar de projeto, saindo de perto das pessoas que acompanhavam sua trajetória de forma mais cúmplice e próxima. Pensei que ele pudesse não ser bem aceito no novo lugar. Diante disso, Pedro foi remanejado e começou a trabalhar como monitor das oficinas de arte-educação em um projeto que atendia adolescentes que estavam cumprindo medidas socioeducativas de liberdade assistida²¹ em um bairro distante do centro da Cidade. Diferente de minha suposição, ele foi bem recebido no Projeto e tinha bom relacionamento com os demais profissionais.

A permanência de Pedro não durou muito nesse novo programa, pois logo após sua transferência ele me procurou novamente. O jovem me disse que, no dia anterior, quando estava saindo do seu local de trabalho a caminho da casa da mãe de Juliana, ele encontrou no terminal de ônibus com um antigo inimigo que o tinha jurado de morte na época em que ele morava com a família na casa do pai. Pedro declarou seu receio, pois esse jovem tinha visto seu crachá da Prefeitura e, desse modo, sabia onde ele estava trabalhando e por isso poderia colocar em risco demais profissionais que trabalhavam com ele caso fosse fazer um acerto de contas. Pedro me confidenciou que essa rixa estava relacionada com a vingança em nome do pai que cometeu no passado. O menino que encontrou no terminal de ônibus era irmão da vítima da vingança arquitetada por Pedro. Rapidamente, providenciei junto com a coordenação do programa de medidas socioeducativas o remanejamento de Pedro, que retornou ao projeto anterior ao qual estava vinculado no centro da Cidade. Como o jovem declarou que a rixa que teria ocasionado sua mudança de lugar de trabalho não existia mais, ele poderia voltar a trabalhar no antigo projeto.

Nessa conversa Pedro me revelou que não estava mais namorando Juliana e, sendo assim, ele tinha voltado a viver nas ruas. O jovem comprometeu-se a alugar um quarto no centro da Cidade ou a retornar à casa de seu irmão. Coloquei essa exigência como uma forma de permanência dele no quadro de funcionários da Funci. Com o tempo, as notícias que recebia de Pedro não eram boas, pois ele começou a faltar o trabalho com muita frequência,

21 Segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), o cumprimento da medida socioeducativa de liberdade assistida configura-se como uma alternativa ao regime de privação de liberdade aplicada a jovens entre 12 e 18 anos de idade que cometeram algum tipo de ato infracional de pouca gravidade. Essa medida tem período mínimo de seis meses e máximo de três anos e sua execução é realizada pelo poder municipal, pelo poder judiciário ou por organizações da sociedade civil.

ficando dias sem aparecer. Quando aparecia, ele dizia que estava com a família, ora na casa do irmão, ora com o pai em uma casa nova que ele havia alugado e convidado o menino para ir morar com ele. A presença de Pedro foi ficando cada vez mais inconstante e o menino ficava dias “desaparecido.” Pairava entre os profissionais uma angústia em perceber que Pedro estava “se desligando” das atividades que compunha seu cotidiano no Parque das Crianças. Pensávamos, na época, que estávamos “perdendo” Pedro. Essa designação “perder” é uma expressão recorrente na esfera institucional, pois significa que um jovem está “desistindo” de algum tipo de atendimento e retornando ao mundo da ilegalidade. Portanto, era essa a apreensão das pessoas sobre Pedro, na época.

Logo recebemos a confirmação que afirmou a sensação de que “perdíamos” o menino. O vigia noturno que trabalhava no Parque das Crianças nos revelou o motivo das ausências de Pedro. Ele relatou para mim e para os outros três profissionais que acompanhavam o garoto que o menino estava pulando o muro do Parque para dormir durante a noite, apesar de saber que isso era algo proibido. Pedro também estava sendo acusado de cometer alguns roubos no centro da Cidade. O vigia contou que, ao interpelar Pedro quando o encontrou dormindo, o jovem mostrou o crachá da instituição dizendo que era funcionário e que podia entrar quando quisesse. O vigia assumiu que usou a força para colocar o jovem para fora, não permitindo que ele ficasse lá dentro. Depois desse flagra, Pedro não apareceu mais e, diante disso, tivemos que “desligar” o jovem do vínculo profissional que ele tinha com a Instituição. A notícia que tive ao perguntar aos amigos de Pedro por onde andava o menino é que ele estava “roubando por outras áreas”.

Só voltei a encontrar novamente Pedro cerca de um ano depois desse seu desaparecimento, quando fui com os mesmos profissionais que trabalharam com ele na Prefeitura visitá-lo no em uma casa de internação que atende jovens usuários de drogas em Fortaleza. Pedro deu um longo abraço em cada um de nós, mas olhou pouco nos nossos olhos, permanecendo a maior parte do tempo de cabeça baixa e de mãos dadas com o pai. Ele não conversava como antes, quando relatava com detalhes passagens de sua vida e de seu cotidiano. Nesse momento, ele apenas respondia nossas perguntas de forma monossilábica. Parecia que sentia vergonha ou que estava constrangido com a nossa presença. Perguntei se ele tinha gostado da nossa visita. Ele não respondeu, mas olhou para o grupo que estava em torno dele, formado por mim, os dois profissionais da Funci, a cunhada e o pai, e pediu desculpas. Nessa ocasião, informamos a Pedro que Mariana anunciava a todos que ele era o pai do filho dela: “Se ela tá dizendo!?” Essas foram as únicas palavras proferidas por ele sobre a notícia. Com isso, o menino assumiu a paternidade da criança. Antes de irmos embora, ele pediu para ficar sozinho com o pai.

Nesse dia, também soubemos que o pai continuava viajando e que Pedro não foi morar com ele, conforme o menino havia nos dito após sair da casa da mãe da namorada. Despedi-me de Pedro e sua família e fui embora. Esse foi o meu último encontro com o menino.

Pedro não ficou muito tempo nesse lugar e “fugiu” da instituição, “desistindo do atendimento.” Após essa fuga, ninguém mais encontrou Pedro. Os jovens moradores de rua do centro da Cidade que o conheciam nos disseram que ele pegou uma carona e foi para a Bahia. Essa era a versão de muitas pessoas sobre o seu paradeiro. Confesso meu encantamento com esse destino e prefiro pensar que o Pedro do Ceará foi encontrar com o Pedro Bala da Bahia, um dos “Capitães da Areia” de Jorge Amado. Ele deve ter se juntado ao “bando” de meninos que são, “na verdade, os donos da cidade, os que a conheciam totalmente, os que totalmente a amavam, os seus poetas” (AMADO, 2008, p. 29). Imagino o Pedro daqui junto com o Pedro Bala de lá, acolhido pelo Professor, por Dora, por João Grande, pelo Gato, Boa-Vida, Sem-Pernas, Volta-Seca, pelo Querido de Deus, entre outros tantos habitantes de um certo trapiche à beira-mar, e dessa forma, recontar sua história com outros com diante do mesmo enredo.

Pedro costumava dizer que só sairia da rua se Juliana fosse com ele. Como se só pudesse mudar o seu destino se a sua namorada compartilhasse o mesmo desejo. Mas Juliana tinha outros planos. Pedro nunca fez essa proposta para Mariana. Ela frequentemente dizia para todos que faria qualquer coisa pelo amado. Mariana declarava que “mudaria de vida” caso formasse uma família com Pedro. No entanto, era Pedro quem tinha outros planos e admitiu em diversos momentos que não era apaixonado por Mariana. Pelo onirismo que circunda as histórias contadas por muitos jovens moradores de rua, na confusão entre realidade e sonho que marcam os trajetos e os desejos desses jovens, entre os ilegalismo e as afetividades que compõem suas trajetórias de vida nas ruas, considere por muito tempo a hipótese de que Pedro foi morar em Salvador na Bahia e, diante disso, consagrou a sua trajetória como um capitão da areia. Tempos depois soube de outra versão sobre o destino do menino. Uma versão desanimadora que anuncia um destino que muitas pessoas que se deixam “viajar” nas histórias dos jovens com experiência de moradia de rua não gostariam de revelar: ele foi preso por tráfico de drogas e esperava pelo seu julgamento em um presídio da região metropolitana de Fortaleza.

Alguns apontamentos finais

O cotidiano de algumas comunidades mais pobres das cidades brasileiras é delineado, nos dias atuais, por conflitos em virtude do comércio de drogas e de armas (SÁ, 2011). Por conseguinte, um número expressivo de

crianças e jovens envolve-se nessas atividades, o que ocasiona conflitos entre comunidades rivais, assim como entre os integrantes de um mesmo grupo criminoso. Não raro, observa-se nos discursos de jovens moradores de rua que eles são ameaçados (inclusive de morte) nas suas comunidades de origem e isso impossibilita seus retornos a esses lugares, assim como a convivência com seus familiares, assim como narrei na trajetória de Pedro. Além dos conflitos comunitários, os jovens também destacam os conflitos familiares como situações que tornam o cotidiano tenso para parte deles, sendo assim, a rua passa a representar um refúgio, uma referência de uma rotina diferente e menos conturbada do que aquela em que eles estavam acostumados a viver.

Além das formas de repulsão ocasionadas por conflitos familiares e comunitários, que fazem com que os jovens estabeleçam a rua como uma referência de moradia, o entendimento da complexidade desse fenômeno social se dá através da compreensão da esfera subjetiva que passa a apontar a constituição de laços de fixação à vida nas ruas. Percebo que a permanência nas esferas públicas, apesar da rua também ser reconhecida por eles como um lugar de violência, produtora de um cotidiano degradante, ameaçador e hostil, intercorre a partir da constituição de redes afetivas estabelecidas com pessoas, lugares e instituições que proporcionam estratégias de sobrevivência e permanência na rua. Nesse sentido, reafirmo a designação de que a rua é um lugar de encontro de afetos. Conforme assinala Le Breton (2009), as emoções podem ser compreendidas como modos de afiliação a uma determinada comunidade social. Para o autor, cada emoção sentida oferece diversas possibilidades de interpretação sobre o que sentem os indivíduos e o que percebem com relação à atitude dos outros sobre eles. Nesse sentido, esse grupo de jovens define-se como “moradores de rua” ou como os que “vivem nas ruas”, portanto, esses termos são os mais recorrentes utilizados nas narrativas desses jovens ao designarem suas identidades.

Diante disso, convido novamente os leitores deste artigo para compreender os jovens com experiência de moradia de rua como narradores de histórias e trajetórias que desenham uma paisagem afetiva peculiar da cidade, assim como Pedro fez ao reinventar sua vida nas ruas de Fortaleza. Os percursos desse grupo de jovens, conforme sinalizo em passagens recorrentes deste texto, são demarcados por ambivalências e ambiguidades. Para algumas pessoas, a percepção de que eles tecem fios de afetividade e amorosidade por si só representa uma contradição. De modo geral, a compreensão desse grupo social costuma acontecer a partir de trajetórias marcadas pelas situações de violência nas quais estão inseridos. Afasto-me da centralidade da violência pura ao narrar modos de vida nas ruas, apenas faço a opção analítica de situá-los a partir da tessitura de laços de afetividades que, a meu ver, produz possibilidades de fixação à rua e sinalizam expressões de culturas juvenis

que demarcam as experiências contemporâneas de sociabilidades desses grupos sociais, especialmente com relação às trajetórias afetivas e sexuais.

A circulação como uma marca de suas trajetórias de vida não anula suas vinculações afetivas e sentimentais, pois essas ligações são reveladas em seus discursos e observadas na forma como interagem com as pessoas e os lugares. No entanto, devem-se compreender as vinculações a partir de suas intensidades e da construção de significados que elas conservam na vida cotidiana dos jovens que vivem nas ruas, pois, ao se desvincularem de experiências e situações anteriores, orquestradas no mundo da casa, eles vinculam-se a novas referências que possibilitam modos de permanência na rua. Portanto, essas conexões apresentam-se a partir da dinâmica peculiar dos lugares onde se encontra fixado esse grupo juvenil, que pode apresentar formas ora mais sólidas ora mais fluidas, mas que existem e dão sentido aos novos percursos trilhados.

Sobre a forma como atribuem significados às emoções desencadeadas em suas trajetórias amorosas, os jovens que vivem nas ruas sinalizam questões que dialogam com elementos demarcadores dos relacionamentos afetivos e sexuais na contemporaneidade. Amores são vividos de formas “fluidas”, “contingentes”, “erotizadas” e “romantizadas”, nem mais nem menos excêntricas do que as experiências vivenciadas por indivíduos que não moram nas ruas. Em diversas situações, observei que o “amor romântico” situa-se como o ideal de amor a ser experimentado por muitos jovens e, diante disso, destaco essas histórias, como a de Pedro, nas quais esse tipo específico de configuração amorosa foi ressaltado nos discursos e nos comportamentos observados em campo. O amor veste-se de um signo impulsionador das relações sociais que estabelece códigos de comunicação (LUHMANN, 1991) mediadores e manipuladores de significados comuns aos indivíduos envolvidos em uma relação amorosa.

Sendo assim, apaixonar-se ou namorar alguém que também estabelece a rua como uma referência de moradia torna a permanência nesses lugares mais atraente e interessante. Neste sentido, entendo que os afetos de rua são emblemáticos dos modos de filiação e vinculação às ruas, outorgando significados que recorrentemente são imperceptíveis aos olhares estrangeiros, indiferentes e desatentos, que muitas pessoas destinam a esses lugares e àqueles que o habitam e o referenciam a partir das experiências vividas e partilhadas sob a luz de um caleidoscópio de emoções.

Artigo
Recebido: 20/10/2012
Aprovado: 20/11/2012

Keywords:
Youths, affectivity,
illegalities and
experiences.

ABSTRACT: The intention of this article to produce reflections on the ways of life of young people with experience of housing street. I realize that staying in the public sphere, despite street also be recognized by them as a place of violence, producing a daily demeaning, threatening and hostile, happens

from the formation of bonds of affection with established people, places and institutions that provide survival strategies and stay in these places. Similarly, I chose to narrate the trajectory young speaker of this research that expresses the uniqueness of a youth culture in the same way that indicates how the street can be understood as a meeting place of affection.

Referências

ABOIM, Sofia. Da pluralidade dos afetos: trajetórias e orientações amorosas nas conjugalidades contemporâneas. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, Vol. 24 no. 70, junho/2009.

AMADO, Jorge. *Capitães de Areia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ARENDT, Hannah. *O conceito de amor em Santo Agostinho*. Lisboa: Instituto Piaget, 1997.

BAUMAN, Zygmunt. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

BENJAMIN, Walter. *Experiência e pobreza*. In: _____. *Magia e Técnica, Arte e Política*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BONDIA, Jorge Larrosa. *Notas sobre a experiência e o saber de experiência*. *Revista Brasileira de Educação*, n. 19, Jan/Fev/Mar/Abr, 2002.

CAIAFA, Janice. *Movimento punk na cidade: a invasão dos bandos sub*. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1989.

DELEUZE, Gilles; GUATARRI, Félix. *Mil platôs – capitalismo e esquizofrenia*. Vol. 5. São Paulo: Editora 34, 1997.

GOFFMAN, Erving. *Estigma*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1988.

ILLOUZ, Eva. *O amor nos tempos do capitalismo*. Trad. de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2011.

LE BRETON, David. *As paixões ordinárias: antropologia das emoções*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2009.

LUHMANN, Niklas. *O amor como paixão: para a codificação da intimidade*. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1991.

NEVES, Ana Sofia Antunes das. As mulheres e os discursos genderizados sobre o amor: a caminho do “amor confluyente” ou o retorno ao mito do “amor romântico”? Estudos Femininos, Florianópolis, 15(3): set-dez/ 2007.

PAIS, José Machado. Culturas Juvenis. Lisboa: Imprensa Nacional / Casa da Moeda, 2003.

_____. Ganchos, tachos e biscates. Porto: Âmbar, 2005.

_____. Sexualidade e Afectos Juvenis. Lisboa: ICS. Imprensa de Ciências Sociais, 2012.

RICOEUR, Paul. Tempo e narrativa. Trad. Roberto Leal Ferreira. Campinas: Papyrus, 1997.

SÁ, Leonardo. Reflexões sobre o trabalho de campo como empreendimento micropolítico. In: FILHO, Manoel Mendonça, NOBRE, Maria Teresa. Política e Afetividade: narrativas e trajetórias de pesquisa. Salvador/São Cristovão: EDUFBA/EDUFS, 2009.

SCOTT, Joan. Experiência. In: SILVA, Alcione (org.). Falas de Gênero. Florianópolis: Ed. Mulheres, 1999.

SIMMEL, Georg. Filosofia do Amor. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

